

**STAROBINSKI, Jean. *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. São Paulo, Editora 34, 2014; DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.**

**Maurício Silva<sup>1</sup>**

Escritores que, pela genialidade de seus textos e/ou pela maneira como - por meio da literatura - souberam ler o mundo à sua volta são, sempre, uma fonte inesgotável de informações e criatividade. Esse é o caso de dois dos mais importantes nomes da literatura ocidental - o francês Charles Baudelaire e o tcheco Franz Kafka -, que têm suas obras reavaliadas em dois curtos, mas fundamentais ensaios críticos: *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*, de Jean Starobinski; e *Kafka: por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze & Félix Guattari.

Natural da Suíça, Starobinski formou-se em medicina e letras, tendo atuado como professor em várias universidades, especializando-se em literatura francesa e tornando-se crítico de artes em geral. Deleuze & Guattari, filósofos franceses, celebrizaram-se por terem escrito vários livros juntos, alguns dos quais tornaram-se referência obrigatória no âmbito da filosofia e do pensamento ocidental.

\*

A partir de conferências feitas no Collège de France entre 1987 e 1988, Jean Starobinski, em seu *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*, discorre sobre a presença da melancolia na poesia de Baudelaire, em especial nas suas *Flores do*

---

<sup>1</sup> Coordenador da Pós-Graduação lato sensu, na Universidade Nove de Julho; professor de Literatura Brasileira (graduação e pós-graduação) na Universidade Nove de Julho; professor-pesquisador do programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho. Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Editor científico da revista Dialogia.

*Mal.*

Segundo o autor, o termo *melancolia* tinha, na ocasião da publicação do livro de Baudelaire, sofrido uma espécie de desgaste por seu uso excessivo na literatura, o que teria levado o poeta francês a usá-lo sem proferir muito o termo ("dizer a melancolia, sem pronunciar demais o termo", p. 15). Uma das saídas foi substituí-lo por termos similares, com valor semântico aproximado, mas que desse o mesmo sentido, como *spleen*, termo predominante em Baudelaire. São perífrases e alegorias que servem de alternativa à própria palavra *melancolia*. Assim, alegoricamente, a melancolia em Baudelaire surge, por exemplo, como uma mulher jovem e, além do mais, como revela a tradição iconográfica, relacionada à figura do *espelho*, ao olhar que se volta a si mesmo, seja indicando uma *volúpia solitária*, seja revelando um *sofrimento igualmente solitário*.

Em Baudelaire, a melancolia aparece, ainda, sob a roupagem da ironia, tornando-se - ao contrário da tradição da medicina, em que ela é humoral, relacionada à bile - um *ato de consciência*: "como um alquimista, ele transmuta a melancolia, refina-a e a espiritualiza, privilegia sua ponta cortante, a quintessência sadomasoquista" (p. 31). Já segundo a tradição clássica (de Aristóteles a Ficino), a melancolia é seca e fria, tal como surge em Baudelaire, quase sempre - o autor salienta - vinculada ao *espelho* ("figuras inclinadas, olhares ao espelho, reflexão melancólica", P. 75).

\*

Em *Kafka: por uma literatura menor*, Gilles Deleuze & Félix Guattari começam afirmando que a obra de Kafka é um *rizoma*, referência a um conceito caro à filosofia desenvolvida pela dupla. Sem procurar arquétipos, associações livres ou mesmo uma interpretação de sua obra, os autores procuram, antes, uma *política* de Kafka, nem imaginária, nem simbólica. Inserem, nesse sentido, sua obra no conceito de *literatura menor*.

Segundo os autores, uma literatura menor tem como características: a) uma língua afetada por um forte *coeficiente de desterritorialização* ("uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior", p. 35); b) o fato de tudo nela ser *político* ("seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente

ligado à política", p. 36); c) o fato de tudo, nela, tomar um *valor coletivo* ("é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária; é a literatura que produz uma solidariedade ativa", p. 37). Em resumo: "as três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo da enunciação. É o mesmo que dizer que 'menor' não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)" (p. 39)

Com o conceito de literatura menor, fica mais fácil tentar definir o que seja uma literatura marginal, popular ou proletária, já que a literatura menor (como esses "tipos" arrolados) instaura de dentro de uma língua maior um exercício menor, além de tornar-se "máquina coletiva de expressão" (p. 39).

Portanto, é esta "literatura menor ou revolucionária" (p. 58), essa literatura cuja expressão "deve quebrar as formas, marcar as rupturas e as ligações novas" (p. 58) que Kafka constrói.

\*

Ambos os estudos esclarecem aspectos, senão novos, ao menos pouco explorados pela crítica especializada em relação à produção literária de Baudelaire e Kafka, esses dois indiscutíveis ícones da literatura ocidental.

A leitura dos estudos aqui citados vale, portanto, não apenas pelo que possuem de acuidade crítica, mas também por se tratar de raros exercícios de interpretação literária.

Recebido em 10/08/2015.

Aceito em 29/08/2015.